

EDITORIAL

É com satisfação que comunicamos aos leitores a publicação do Número 2 do Volume 1 da *Seiscentos*. A partir deste número, a *Seiscentos* adotará o novo sistema de publicação contínua (*rolling pass*), já amplamente empregado na Europa e que vem sendo implementado, desde 2019, em diversas revistas acadêmicas no Brasil. A publicação contínua tem por mérito acelerar a disponibilidade de artigos que constituirão fontes para novas pesquisas. Sua principal característica consiste em não requerer a composição completa de um número para só então passar à publicação de todos os seus textos em conjunto. Como o próprio termo indica, a publicação contínua disponibiliza os artigos à medida em que as submissões vão sendo feitas, avaliadas e aceitas. Esse sistema permite encurtar significativamente o intervalo entre a submissão e a publicação dos artigos, agilizando a oferta das fontes de pesquisa. Esperamos, com isso, beneficiar autores e leitores.

Dando sequência ao eixo temático proposto no volume inaugural, este novo número da *Seiscentos* traz dois artigos dedicados à participação das mulheres na constituição dos debates filosóficos do século XVII. Em “Quando as mulheres escrevem aos filósofos”, Maria Luísa Ribeiro Ferreira, da Universidade de Lisboa, faz uma importante reconstrução da cena filosófica seiscentista a partir do deslocamento do exercício intelectual filosófico das universidades para os salões. Foi por ocasião desse deslocamento que certas mulheres, aristocratas e da alta burguesia, puderam conquistar não apenas um novo protagonismo como também a possibilidade do registro, através de cartas, da sua participação fundamental nos debates filosóficos de então. Ferreira procura ressaltar, por meio de dois casos ilustrativos – quais sejam, a interlocução epistolar entre Elisabeth da Boêmia e Descartes e a interpelação de Lady Masham a Leibniz –, as funções desempenhadas por tais textos que, por não assumirem a forma canônica, se mantiveram por muito tempo na periferia da pesquisa filosófica. Trata-se de insistir que a introdução das obras epistolares das mulheres no circuito filosófico desempenhou, no século XVII, os papéis de meio para a educação delas e, ao mesmo tempo, de oportunidade, para os próprios filósofos, de promover o mapeamento das imprecisões conceituais e obscuridades de seus sistemas, forçando-os a dar mais passos em direção aos propósitos de suas obras; mas trata-se ainda, e sobretudo, de mostrar que, no século XXI, o interesse no resgate da participação das mulheres na filosofia seiscentista se deve à possibilidade, para os pesquisadores de hoje, de encontrar subsídios que justifiquem o alinhamento a esta ou aquela chave de compreensão dos filósofos do século XVII. Já em “O Materialismo Vitalista de Margaret Cavendish”, Pedro Prikladnitzky, da Unioeste, busca mostrar a estreita vinculação existente entre o desenvolvimento, por

Cavendish, de sua filosofia natural, cuja tônica é o materialismo vitalista, e as críticas dirigidas pela filósofa ao modelo cartesiano de racionalidade subjacente à tese de que animais são máquinas complexas não pensantes. Trata-se de explorar a peculiaridade do materialismo de Cavendish que consiste em associar o movimento, como propriedade das coisas materiais, ao conhecimento, culminando numa filosofia da natureza segundo a qual “todos os seres materiais (...) possuem conhecimento, sensibilidade e racionalidade.”

O novo volume conta ainda com o artigo de José Dionisio Espejo Paredes, da Universidad de Murcia, intitulado “Representación Política y máquina escénica del Estado”. Tomando por fio condutor as metáforas da teatralidade, Paredes busca refletir sobre a nova cena moderna na qual já não vigora como paradigma dos sujeitos políticos o modelo do cidadão, mas aquele do espectador-consumidor. Trata-se, para Paredes, de advogar em defesa de um espaço político representativo menos rígido e, portanto, mais compatível com o mundo democrático.

Finalmente, nas seções de Traduções e Resenhas, Samuel Thimounier (USP), seguindo a inclinação da *Seiscentos* em divulgar e valorizar as obras epistolares como fontes preciosas de pesquisa filosófica, nos oferece a tradução, acompanhada de notas, de uma troca de cartas entre Frabricius e Spinoza. A importância dessa correspondência reside, entre outras coisas, na justificativa fornecida pelo filósofo ao teólogo para rejeitar assumir a cátedra na Universidade de Heidelberg, oferecida a ele pelo príncipe Karl Ludwig: são compatíveis os ofícios de ensinar e de filosofar? Em quais limites a liberdade de filosofar deve estar circunscrita a fim de não perturbar a religião publicamente estabelecida?

Mario Donoso, por sua vez, nos oferece uma resenha da obra *Spinoza and the Politics of Renaturalisation*, de Hasanna Sharp, publicada em 2011. Donoso apresenta o diálogo estabelecido por Sharp entre a política de renaturalização, encontrada pela autora na metafísica spinozana, e o que ela nomeia “ideologia crítica”, compreendendo sob esta etiqueta a aposta contemporânea na desnaturalização sistemática. Mais que um filósofo moderno canônico, Spinoza emerge, na obra de Sharp, como um instrumento de análise de elementos da contemporaneidade.

É com a expectativa de que este novo número da *Seiscentos* contribua para a formação de leitores familiarizados com novos modos de abordagem de autores canônicos e não canônicos do século XVII que disponibilizamos mais este volume.

Desejamos a todas e a todos uma boa leitura.

Os Editores